



Garra dos bancários desafia a intransigência!

Negociação com a Fenaban continua hoje, a partir das 11 horas, em São Paulo

A greve dos bancários chega hoje a quase duas semanas. São 312 horas de paralisação, em que os bancos não funcionaram. Mais de 400 mil trabalhadores paralisaram cerca de 5.400 agências em todas as regiões do país. Os números são extraordinários e revelam um fato histórico relevante: a greve da categoria é a maior dos últimos anos. “A direção deste Sindicato tem orgulho da garra, poder de mobilização e dignidade desta categoria. Só os banqueiros e o governo não vêem que os bancários são mais do que mercedores de um acordo coletivo justo”, disse o presidente do Sindicato, Vinicius de Assumpção.

A categoria é mesmo aguerrida e não se entrega nunca. Nesses treze dias de paralisação nacional, bancários dos setores público e privado madrugaram para organizar piquetes, participaram à noite de assembléias, enfrentaram ameaças e pressões dos bancos e interditos proibitórios. Diretores do Sindicato sofreram com a truculência



CATEGORIA AGUERRIDA- Os bancários do Rio enfrentam a ganância dos banqueiros, a truculência da polícia e os interditos proibitórios. Na sexta-feira (17), dirigentes sindicais colocaram faixas nas agências em protesto contra as demissões nos bancos

de policiais militares e guardas municipais, enfrentaram a arrogância de alguns advogados das empresas e chegaram a ser detidos e levados para delegacias. A greve continua com a

mesma disposição e só termina se a Fenaban avançar nas negociações e atender às expectativas da categoria. Na última sexta-feira (17) não houve acordo.

Fenaban, BB e CEF não avançam

Nas negociações realizadas na última sexta-feira (17), em São Paulo, a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) não avançou. As negociações com os banqueiros serão retomadas hoje, a partir das 11 horas, em São Paulo. No Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal também não houve avanços. Os representantes dos bancos públicos alegaram que aguardam o fim do impasse com a Fenaban para apresentar suas propostas. Novas rodadas de negociação do BB e da CEF estão confirmadas para hoje, a partir das 16 horas.

Sindicatos conquistam, na Justiça, direito de fazer greve

A categoria bancária conquistou uma importante vitória na Justiça, na última quinta-feira, que fortalecerá a campanha salarial. O juiz Hélio Ricardo Monjardim, da 6ª Vara do Trabalho, concedeu tutela antecipada em ação civil pública movida pela Federação dos Bancários do Rio e do Espírito Santo, garantindo aos bancários dos dois estados o direito de manter-se em greve.

Em sua decisão, proíbe os bancos de tomar qualquer atitude anti-sindical que vise impedir a categoria de exercer este direito assegurado pela Constituição Federal, como coação, ameaça, demissão, ou aplicação de sanções aos empregados que aderirem ao movimento grevista, a exemplo de corte do pagamento de salários. O juiz determina que os bancos se abstenham de atitudes que impe-

çam a mobilização, participação e realização de assembléias, ato, passeata e piquete de convencimento, inclusive mediante uso de instrumentos de som, à frente dos estabelecimentos bancários. Também não poderão impedir o acesso de dirigentes sindicais às unidades bancárias. Cada banco que descumprir a decisão terá que pagar multa de R\$ 500 por cada empregado registrado.

Bancos afrontam direito constitucional

O juiz, em seu relatório, critica o uso de interditos proibitórios. “Não tenho dúvidas em afirmar que, resguardado o livre convencimento motivado, bem como a competência funcional das respectivas esferas do Judiciário, que as ações de interditos proibitórios se revestem de meio processual inadequado para impedir o legítimo direito de greve, sendo as ações por si só um ato de intimi-

dação”. Critica também o uso indevido da força policial.

Afirma que fica evidente, “até mesmo pelo noticiário local, que não há qualquer excesso por parte dos grevistas, ao contrário do expediente adotado pelos réus, que diz de verdadeira conduta anti-sindical”. Para ele, os fatos apontam para a prova inequívoca do afrontamento ao direito de greve.

Todos à assembléia, hoje, dia 20

Em pauta: avaliação das negociações com a Fenaban

Às 18 horas, na Galeria dos Empregados no Comércio - (Av. Rio Branco, 120, 2º andar)

Caixa terá de rever desconto de dias parados

Banco terá de acatar decisão da Justiça que, atendendo à ação do Sindicato, proíbe desconto dos dias de greve

A diretoria da Caixa Econômica Federal foi notificada, na sexta-feira, da decisão do juiz Hélio Ricardo Monjardim, da 6ª Vara do Trabalho, que garante aos empregados da empresa o direito de fazer greve e o pagamento dos dias parados. A decisão judicial, uma tutela antecipada concedida em ação civil pública movida pelo Sindicato, proíbe a Caixa de tomar qualquer atitude que impeça o direito de greve, como coação, ameaça e demissão.

Proíbe, ainda, que a empresa tente impedir a realização de piquetes de convencimento. Como a CEF foi notificada, na sexta-feira (17), e a folha salarial já estava pronta, o vencimento veio com o desconto dos dias parados. “A decisão judicial obriga a Caixa a rever estes descontos”, alerta o diretor do Sindicato Paulo Matileti.



Foto: Nando Neves

CENA SEPULTADA - Os diretores do Sindicato Paulo Cesar Matileti e Sérgio Amorim receberam, no dia 16, notificação de interdito proibitório no prédio da Barroso. Com a vitória do Sindicato na Justiça, a empresa não pode coibir o movimento grevista e nem descontar os dias parados

EUA EM CHEQUE

A cronologia da crise financeira



A crise trouxe desespero para alguns especuladores, mas na ciranda financeira, sempre há ganhadores. Como a Fenaban admite que os bancos no Brasil não foram atingidos, os banqueiros têm todas as condições de atender as reivindicações dos bancários

Entenda como e quando começou a crise financeira nos EUA que derubou as bolsas do mundo inteiro. Pouca gente sabe mas, na verdade, a crise possui antecedentes desde 2004 (confira abaixo). No Brasil, os próprios

Entre 2004 e 2007: Crise de hipotecas chega aos bancos

Depois de dois anos, entre 2004 e 2006, quando a taxa de juros subiu de 1% para 5,35%, o mercado imobiliário americano começou a entrar em colapso. Os preços dos imóveis caíram e, mesmo assim, a inadimplência dos mutuários aumentou e a inadimplência em empréstimos do tipo subprime (hipotecas de alto risco para pessoas com histórico ruim de crédito) atingiu níveis recordes.

Em abril de 2007, a New Century Financial, empresa especializada em empréstimos subprime, pediu concordata e demitiu metade dos seus funcionários. Com suas dívidas sendo repassadas para outros bancos, o mercado subprime começou a entrar em colapso.

Em julho, o banco de investimentos Bear Stearns disse que seus investidores não conseguiriam resgatar o dinheiro investido em seus fundos. O diretor do Federal Reserve (o banco central americano), Ben Bernanke, diz que a crise do subprime custaria US\$ 100 bilhões. A crise antigou também o banco de investimentos PNB Paribas. Os bancos centrais dos Estados Unidos, Europa, Canadá e Japão começam a intervir para salvar o mercado do colapso.

bancos garantem que a crise não prejudicou o sistema financeiro nacional. Na última quinta-feira, dia 16, o vice-presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Antônio Jacinto Matias, voltou a ressaltar que o siste-

ma bancário brasileiro vive um “momento ímpar” e que está sólido para enfrentar a crise econômica mundial.

Que bom, assim a Fenaban tem todas as condições de atender às reivindicações da categoria.

2008: quem diria, nacionalizações nos EUA

Os líderes do G7 (grupo dos sete países mais industrializados do mundo) dizem que as perdas com o mercado subprime podem chegar a US\$ 400 bilhões. O governo britânico nacionaliza o banco Northern Rock.

Em março, o Federal Reserve disponibiliza mais US\$ 200 bilhões para bancos em dificuldade. No dia 17, o quinto maior banco americano, Bear Stearns, é comprado pelo JP Morgan Chase por US\$ 240 milhões (um ano antes, o banco valia US\$ 18 bilhões).

O Fundo Monetário Internacional (FMI) alerta que as perdas devido à crise financeira internacional podem chegar a US\$ 1 trilhão ou até ultrapassar esta marca.

Em abril, o Banco Central da Inglaterra divulga os detalhes de um plano ambicioso, da ordem de 50 bilhões de libras (cerca de R\$ 171 bilhões) para ajudar bancos.

O FBI prende 406 pessoas, incluindo corretores e empreiteiros, como parte de uma operação contra supostas fraudes em financiamentos habitacionais que alcançaram valor de US\$ 1 bilhão.

Em julho, o banco americano de hipotecas IndyMac entra em colapso e se torna o segundo maior banco a falir na história dos Estados Unidos. Em agosto, o governo dos EUA nacionalizou as empresas de hipoteca Freddie Mac e Fannie Mae. Em setembro, o Lehman Brothers,

o quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos, registra perdas de US\$ 3,9 bilhões e, em seguida, a empresa entra com pedido de concordata. O Merrill Lynch, um dos principais bancos de investimento americanos, concordou em ser comprado pelo Bank of America por US\$ 50 bilhões para evitar prejuízos maiores.

O Federal Reserve anuncia um pacote de socorro de US\$ 85 bilhões para tentar evitar a falência da seguradora AIG, a maior do país. O governo dos EUA assume o controle de quase 80% das ações da empresa.

O Washington Mutual (WaMu), financiador de hipotecas e maior instituição de poupança dos Estados Unidos, se colocou em leilão e é vendido para seu adversário, o Citigroup.

A crise se alastra mais pelo setor bancário europeu com a nacionalização parcial do grupo belga Fortis, para garantir sua sobrevivência. Autoridades na Holanda, Bélgica e Luxemburgo aceitaram investir 11,2 bilhões de euros na operação. A Câmara dos Deputados dos Estados Unidos aprova o pacote de US\$ 700 bi.

O Wachovia, o quarto maior banco americano, é comprado pelo Citigroup. Na Grã-Bretanha, o governo confirmou a nacionalização do banco de hipotecas Bradford & Bingley.

BANCÁRIO

Presidente: Vinícius de Assumpção – **Sede** – Av. Pres. Vargas, 502/16º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Tel: 2103-4117 (PABX) – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campeste** - R. Miraitaia, 121 - Tel: 2445-4434 – **Secretaria de Imprensa** – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Geraldo Ferraz (Bradesco), Marcelo Ribeiro (Unibanco), Ronald Carvalhosa (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcelos - MTb 21335/RJ - **Redatores:** José Eurides de Queiroz - Mtb 11.7325 SP, Olyntho Contente - Mtb 14173/RJ - **Revisor:** João Luiz Pacheco - **Ilustrador:** Julio Mariano - **Diagramadores:** Marco Scalzo, Verônica Motta e Fernando Xavier - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca – *Impresso na Cutgraf (R. São Luís Gonzaga, 731 - São Cristóvão - Telefax: 3878-1582) - Distribuição Gratuita - Tiragem: 21.000*